

## 8816 Versos / 2013

um filme de Sofia Marques

*Realização:* Sofia Marques *Fotografia:* Sofia Marques, Paulo Abreu, Nani Espinha, Ricardo Rezende, Micael Espinha, Pedro Macedo *Som:* Patrícia André, Sofia Marques, Frederico Gracias *Montagem:* Francisco Moreira *Mistura:* João Eleutério *Com:* António Fonseca, Sofia Marques (narração dos excertos do Diário de António Fonseca).

*Produção:* Roughcut (Portugal, 2013) *Direcção de produção:* Patrícia André *Cópia* dcp, colorida, falada em português com legendas em inglês *Duração:* 75 minutos *Primeira apresentação pública da versão de trabalho:* 13 de Dezembro de 2012, em S. Mamede –Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura). A versão final definitiva é de 2013, conforme se menciona no genérico final. *Primeira exibição pública:* Outubro de 2013, na 37ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo (Brasil) *Primeira exibição pública em Portugal:* 31 de Outubro de 2013, no DocLisboa - 11º Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa (Portugal) *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca:* 2017, com *A Festa* de Joana Cunha Ferreira (“Cinema Português: Novos Olhares”).

### com a presença de Sofia Marques e António Fonseca para uma conversa no final da projecção

---

Um actor sonhador, uma realizadora-actriz sem medo juntam-se e fazem um filme porque o actor teve a épica ideia, que então levava com naturalidade à prática, de decorar – *by heart* – *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões. 8816 versos, em dez cantos, que terão levado vinte anos a escrever ao poeta viajante, um dos grandes poetas de língua portuguesa de sempre. António Fonseca estava sem trabalho, ocorreu-lhe embrenhar-se na epopeia portuguesa do século XVI, pensá-la e representá-la no XXI. Foi o que fez em quatro anos, de olhos postos na data de um espectáculo em Guimarães Capital da Cultura 2012, a 10 de Junho. Seria a apresentação pública integral da falação d’*Os Lusíadas*. Sofia Marques decidiu acompanhá-lo no último ano de preparação, filmar com uma câmara dvcam, pouquíssimos meios e muita vontade. *8816 Versos* é o resultado dessa aventura dos bastidores da aventura do trabalho de um actor sobre a aventura do trabalho de um poeta. Ligações contemporâneas, retrospectivas e prospectivas para parafrasear António Fonseca que parafraseia António Damásio.

É num curioso momento do filme em que, à conversa com uma jornalista, o actor propõe na torrente do discurso, que parece ter sempre alguma coisa de febril e muito de sincero, uma definição simples do lugar potencial do teatro e do cinema, isto é, da arte na vida de uma pessoa – "A ficção é fundamental na vida das pessoas, na nossa vida. E não estou a dizer só o teatro, estou a dizer a literatura, os romances, a poesia, as novelas. Por uma coisa muito simples que o António Damásio diz. Porque é que as pessoas vão ao cinema, porque é que as pessoas vão ao teatro, porque é que as pessoas lêem livros? Porque as pessoas fazem uma viagem retrospectiva e prospectiva. Estás no cinema – a mim acontece-me no cinema –, estás a ver o filme e a tua cabeça faz uma viagem na tua biografia para trás, e desatas uma porrada de nós, umas coisas que não sabes que desatas, e fazes uma esperança da tua vida para a frente, uma viagem prospectiva. [...] O Damásio diz que é por causa desta viagem biográfica que a gente faz, retrospectiva e prospectiva."

Uns instantes antes desta cena – não imediatamente, mas uns instantes antes – está uma das sequências do filme que dá a ver António Fonseca no Teatro Aberto, um dos seus outros trabalhos nesse ano, a representar o pintor Mark Rothko na peça *Vermelho* de John Logan (encenação de João Lourenço), e também o vemos num *plateau* de novela, e em casa, onde a mulher espera uma bebé que entretanto nasce,

a cozinhar, ou em caminhadas junto às árvores, em exercícios de natação na piscina do Estádio Nacional, em ensaios com alunos, actores, amadores de Guimarães, em aulas, na Quinta das Lágrimas (1580), entre os papéis com os versos escritos, em consultas médicas, alguns outros palcos e acontecimentos. Acompanhamos-lhe os passos e o pensamento na leitura *off* dos diários, na voz de Sofia. E como nos filmes de antes e depois de Sofia Marques, a ser “actor” no filme do seu próprio retrato de 2013 – aqui e ali uma réplica da realizadora ou uma direcção de actor fora de campo, uma perche que entra fugidia no enquadramento, lembram baixinho que isto é um filme. E como esses, *8816 Versos* vibra com pormenores felizes, sensíveis, sejam *raccords*, seja – como é aqui o caso – a ideia musical da variação sobre o tema de abertura. Ou o remate folclórico com o canto do povo de Guimarães na praça pública.

Como em *Ilusão* (2014), a partir da encenação de Luis Miguel Cintra, na Cornucópia, de textos de Federico García Lorca, como em *Verdade ou Consequência* (2023), sobre e com o mesmo Luis Miguel Cintra, *8816 Versos* é um filme fincado no teatro, em afinidades pessoais e uma amizade forte, na sensibilidade de duas pessoas – a retratista e o retratado (Fonseca e Cintra, ambos importantes na vida e no percurso de Sofia Marques) ou o motivo do retrato (em *Ilusão*, uma companhia de teatro). Como nesses filmes, também *8816 Versos* guarda o fio da sua própria feitura e encontra no *trabalho* um eixo vital. Actriz de teatro e cinema, Sofia Marques tem cruzado o cinema também como autora de um olhar muito próprio umbilicalmente ligado a uma ideia de acção, de pensamento, no qual a vida e o trabalho se encontram com alegria.

Quando *8816 Versos* foi apresentado na Cinemateca em 2017, Luís Miguel Oliveira sintetizou:

«Em *8816 Versos* é ainda, de alguma forma, o teatro, ou o trabalho do teatro, a ocupar o centro. É a “saga” do actor António Fonseca, que tem por missão memorizar os dez cantos e 8816 versos dos *Lusíadas*, para um espectáculo que veio a apresentar no âmbito de Guimarães 2012, Capital da Cultura. O acompanhamento desse trabalho, bem como as reflexões do actor sobre o trabalho, é dado de forma particularmente viva, como se a memorização do texto fosse, efectivamente, um processo omnipresente na vida do protagonista a partir do momento em que o decidiu levar a cabo – e portanto invadissem todos os aspectos do seu quotidiano. A partir daí, é como se tudo o que vemos estivesse marcado pela sombra desse empreendimento: os passeios, as futeboladas, as peças de teatro em que António Fonseca paralelamente trabalha. Mas, mais ainda, e como quem não quer a coisa, *8816 Versos* vai-se constituindo como uma reflexão sobre a Memória, tanto no sentido psíquico (e pessoal) do termo, como no sentido histórico, a partir do impacto cultural contemporâneo dos *Lusíadas*, algo sugerido tanto pelas conversas que o filme dá a ouvir como pelos excertos do texto de Camões que se lêem ou escutam. Em todo o caso, no seu ritmo vivíssimo que transforma o protagonista numa variante dum “herói de acção” (“acção” física e “acção” mental), justo é que se diga que *8816 Versos* é também, e muito simplesmente, um notável retrato de um actor e do seu trabalho.»

Acrescente-se em 2025 que *8816 Versos*, os excertos dos *Lusíadas* e as palavras ditas e escritas de António Fonseca ganham uma ressonância perturbadora. Basta referir a sequência (quase) final no teatro, com a cadeira vazia para Dom Sebastião e para o poder sem nevoeiro que o actor deixa iluminada na plateia durante o espectáculo em Guimarães. A emoção do final dessa representação. “...um forte rei faz fraca a forte gente. Viva a forte gente.” Viva.

Maria João Madeira